

---

# A SACRALIZAÇÃO DA CARNE: A EXPERIÊNCIA MÍSTICA E A EROTIZAÇÃO DA NORMA NO ROMANCE *EM NOME DO DESEJO* DE JOÃO SILVÉRIO TREVISAN<sup>1</sup>

THE SACRALIZATION OF THE FLESH: THE MYSTICAL EXPERIENCE AND THE EROTICIZATION OF THE NORM IN THE NOVEL IN THE NAME OF THE DESIRE OF JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

LA SACRALIZACIÓN DE LA CARNE: LA EXPERIENCIA MÍSTICA Y LA EROTIZACIÓN DE LA NORMA EN LA NOVELA EN NOMBRE DEL DESEO DE JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

---

Tales Flores da Fonseca<sup>2</sup>

## Resumo

O presente artigo busca abordar a relação entre a experiência mística e o desejo homoerótico no romance *Em nome do desejo* do escritor brasileiro João Silvério Trevisan. O artigo trata da maneira pela qual a narrativa, que se passa no interior de um seminário de padres, apresenta um complexo tensionamento das normas que regulam e normatizam a vida dos seminaristas. Nesse sentido, o trabalho recorre à maneira pela qual a reflexão sobre as normas e o desejo, no âmbito da produção de corpos é abordada pelas questões colocadas por Judith Butler e Michel Foucault acerca da constituição subjetiva dos sujeitos. A narrativa apresenta a anatomia do amor-paixão do personagem Tiquinho como uma profunda fissura nas normas sociais, no sentido de excitá-la, associada à construção metafórica da simbologia de Jesus fantasiada pelo personagem.

**Palavras-chave:** Desejo; Homoerotismo; Mística; Normas.

## Abstract

This article seeks to address the relationship between mystical experience and homoerotic desire in the novel *In the name of the desire* of the Brazilian writer João Silvério Trevisan. The article deals with the way in which the narrative, which takes place inside the seminary of priests, presents a complex tensioning of the norms that regulate and regulate the life of seminarians. In this sense, the work uses the way in which the reflection on the norms and the desire, in the scope of the production of bodies is approached by the questions posed by Judith Butler and Michel Foucault about the subjective constitution of the subjects. The narrative presents the anatomy of love-passion of the character Tiquinho as a deep crack in social norms, in the sense of exciting it, associated with the metaphorical construction of the symbolism of Jesus fantasized by the character.

---

<sup>1</sup> Parte deste artigo é oriundo de reflexões desenvolvidas na dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas.

<sup>2</sup> Doutorando em Sociologia pelo PPGS/UFRGS.

**Keywords:** Desire; Homoeroticism; Mystique; Norms.

### Resumen

Este artículo busca abordar la relación entre la experiencia mística y el deseo homoerótico en la novela *En nombre del deseo* del escritor brasileño João Silvério Trevisan. El artículo trata sobre la forma en que la narrativa, que se desarrolla dentro del seminario de sacerdotes, presenta un complejo tensado de las normas que regulan y regulan la vida de los seminaristas. En este sentido, la obra utiliza la forma en que la reflexión sobre las normas y el deseo, en el ámbito de la producción de cuerpos, es abordada por las preguntas planteadas por Judith Butler y Michel Foucault sobre la constitución subjetiva de los sujetos. La narración presenta la anatomía amor-pasión del personaje Tiquinho como una profunda fisura en las normas sociales, en el sentido de excitarla, asociada a la construcción metafórica del simbolismo de Jesús fantaseado por el personaje.

**Palabras clave:** Deseo; Homoerotismo; Mística; Normas.

### INTRODUÇÃO

O romance *Em nome do desejo*<sup>3</sup>, obra ficcional de caráter autobiográfico, cujo enredo é protagonizado pela relação de amor e paixão carnal entre os personagens Tiquinho e Abel. Voltada especialmente o personagem-narrador Tiquinho, que retorna ao seminário de padres onde passou sua infância e reconstrói toda a dinâmica na vida de seminarista, as dificuldades, os grupos que se formavam os esportes praticados, como eram feitas as distinções entre as atividades voltadas para “homens” e que eram feitas por “mariquinhas”, as volúpias do desejo ensejadas dentro do seminário, relação com o próprio corpo, o prazer impulsionado pelos colegas, as escapadas para trocas de afetos e por fim, a relação apaixonada, pujante do personagem-narrador por Abel. Por fim, a obra apresenta toda caracterização do avassalador desejo dos meninos simbolizado pelas figuras de Jesus e santos mártires, trazendo à tona temas como castidade e homoerotismo, assim olhando de fora, rememorando o passado, o personagem-narrador saturado pela vida tenha resolvido retornar a esta casa (seminário), onde viveu os anos mais intensos de sua vida.

Trevisan, em um artigo intitulado *O escritor por ele mesmo*, incluído na coletânea de textos *“Pedaços de Mim”* (2002) afirma que escreveu o romance *Em Nome do desejo* como parte de um processo, doloroso segundo o autor, de separação amorosa, no qual tentou encontrar uma relação dentro de si mesmo, de modo almejar

---

<sup>3</sup> Obra publicada originalmente em 1983, no entanto, utilizaremos uma reedição de 2001, onde partirão as referências ao longo do texto.

“uma celebração do amor radical” (TREVISAN, 2002, p. 60). O romance *Em nome do desejo* resulta, segundo Trevisan, de um dos maiores desastres de amor pelo qual passou consequência de uma grande perda amorosa. O romance se caracteriza como uma construção discursiva da experiência oriunda do que Trevisan chamou de “imperfeição” do ato de escrever, a experiência constitutiva é permeada pelos percalços que acometem sua trajetória, enquanto militante da causa LGBTQI+, membro do Grupo SOMOS, que tratava de pautas voltadas ao público gay, além das contribuições para as revistas *Lampião de Esquina* e *Sui Generis*, ambas voltadas para o debate sobre a temática da sexualidade.

Nesse sentido, o crítico literário Silviano Santiago, no ensaio *Prosa literária atual no Brasil*, constante no livro *Nas malhas da letra* (1984), apresenta um panorama da produção literária brasileira ao longo das décadas de 70 e 80, no qual destaca as obras que marcaram o período de crise política e social do país. Ao tratar de obras que o autor aponta como associada a questões de minorias, Santiago lembra relatos autobiográficos de ex-exilados e de autobiografias ficcionais passaram a ganhar relevância diante do cenário do país. Dentre elas, destaca o romance de Trevisan, que havia sido publicado no ano anterior ao da publicação do livro do crítico, segundo Santiago, *Em nome do desejo* representa uma importante produção ao “dar voz a uma subjetividade ameaçada pelas diversas formas de autoritarismo castrador” (SANTIAGO, 1984, p. 42).

Venturelli (1993) caracteriza a publicação de *Em nome do desejo* como “um profundo desencanto do autor” (VENTURELLI, 1993, p. 213), pois diagnostica que havia um sentimento de que os impactos políticos provocados pela ditadura militar teriam inclinado Trevisan para uma “descrença em projetos de envergadura mais global que atingissem mudanças de fundo nas estruturas oligárquicas de nossa sociedade” (VENTURELLI, 1993, p. 214). Para Venturelli a expressão deste momento seria o fato de que a paixão intensa de Tiquinho por Abel veio tornar-se como a manifestação de uma derrota, pois para o autor, o amor entre os meninos transfigurado na carnalização da imagem de Jesus enfraqueceu o confronto, e a crítica, aos “códigos sociais de cerceamento” (VENTURELLI, 1993, p. 213).

Deste modo, o presente artigo pretende apresentar uma leitura sobre a relação entre a experiência mística e a erotização das normas no ponto de vista da convergência da narrativa, isto é, o amor-paixão entre meninos no interior do

seminário de padres. Nesse sentido, visa-se tratar como a cultura que estabelece a normalização e punição da sexualidade também constitui fissuras na estrutura da normalização no sentido de “erotizá-la”, assim Trevisan recorre poesia mística e sensual do Cântico dos Cânticos de Santa Tereza D’Ávila e São João da Cruz para demonstrar de que modo a erótica das normas e mística da carne criam múltiplas formas de celebração do amor radical.

A primeira parte do trabalho consiste em realizar, entorno do debate entre Foucault e Butler como é problematizada a questão da produção do corpo por meio da incorporação da norma e em que medida esta norma é excitada, erotizada pela investitura do poder, isto é, o sujeito é produzido pela norma por meio da materialidade do poder introduzida no corpo e pelos artifícios de resistência. Como a norma é erotizada? Na segunda parte do trabalho, trataremos de que maneira a narrativa de Trevisan busca na simbologia de Jesus a metáfora se encarna nas fantasias da atração sexual dos garotos no interior da narrativa, constituindo no âmbito da produção de subjetividades, a excitação da norma que é inflexionada na complexa e intrincada relação entre desejo homoerótico e experiência mística plasmada na anatomia do amor-paixão entre os personagens.

### **A EROTIZAÇÃO DA NORMA: O DEBATE ENTRE FOUCAULT E BUTLER**

Nesta parte inicial do trabalho, abordaremos como a excitação da norma permite entender como a normalização do seminário, por meio das práticas, das regras seguidas pelos seminaristas é abalada pelo desejo, ou pela sacralização do desejo, e como na narrativa a relação entre Tiquinho e a experiência mística, na qual a imagem de Jesus se torna mais ambígua, e como esta questão torna o desejo mais intenso, especialmente com a construção ficcional da imagem carnalizada de Jesus.

Judith Butler (2016) argumenta que, para Foucault, o preso não é regulado, disciplinado por uma relação exterior ao poder, como se o indivíduo fosse tomado de maneira preexistente. Para Butler, o indivíduo se formula a partir de sua identidade de preso discursivamente constituída, se trata de um tipo de poder que não atua de forma unilateral sobre o indivíduo como forma de dominação, mas que “ativa” o sujeito. Sendo assim, não existe nenhum corpo fora do poder, pois a materialidade do corpo é produzida através da relação direta com a investitura do poder. A prisão (e podemos acrescentar como alvo de análise o seminário) assinala a materialidade na medida em

que é um vetor e um instrumento do poder. Não é possível conceber a prisão sem a materialidade do poder, no entanto, é a prova da investidura do poder. Butler (2016, p. 104) aponta que a prisão só pode nascer dentro das relações de poder, na medida em que está saturada e esta saturação é constitutiva do seu ser, nesse sentido, o corpo não é uma materialidade independente, mas investido pelo poder, tornando-os coextensivos.

Butler sublinha que as reflexões de Foucault seriam sobre uma espécie de “doutrina da internalização”, como desdobramento das reflexões colocadas por Nietzsche em *Genealogia da Moral*. Nesse sentido, *Vigiar e Punir* (2012) pode ser lido como a inserção da questão da inscrição corporal, ou seja, para Butler, a estratégia não seria impor uma repressão sobre os desejos, mas que a internalização, a norma obriga os corpos a significarem a lei interditora como sua essência própria.

A lei operária por meio da incorporação, os corpos significam e expressam a lei, como sua essência do próprio “eu”, desta forma, a lei se manifesta no “significado das suas almas, sua consciência, a lei de seu desejo” (BUTLER, 2016, p. 233). Butler utiliza o termo lei, no sentido psicanalítico de interdição, mas do ponto de vista de Foucault tendemos a pensar no sentido da norma, do modo pelo qual se incorpora aos corpos e produz, molda o sujeito. Butler pondera sobre a existência da figura da alma interior, como uma espécie de falta cujo significado se expressa no corpo por meio do exercício do poder. Desta forma, o corpo é significado de forma a estabelecer um deslocamento entre a distinção de interno/externo, apresentando uma plasticidade na qual a imagem psíquica se inscreve sobre o corpo como significação.

Por meio desta perspectiva, em *Vigiar e Punir*, Foucault concebe que a produção do sujeito se dá mediante uma espécie de “subordinação e inclui a destruição do corpo” (BUTLER, 2016, p. 104). Ao apontar o corpo como “superfície de inscrição dos acontecimentos” (FOUCAULT, 2012, p. 65), no artigo *Nietzsche, a genealogia e a história*, Foucault sublinha que o sujeito apenas pode aparecer como unidade dissociada do eu mediante a destruição do corpo, isto é, o sujeito emerge a partir do momento em que o corpo, em sua materialidade, desaparece. O corpo, segundo Butler, não é o lugar em que se leve a cabo a construção, mas a destruição da raiz da qual se forma o sujeito. A formação deste é marcada pela subordinação e regulação do corpo, na qual a destruição do corpo é preservada – no sentido de sustentada – pela normalização. O podemos concluir é que o corpo não apenas

constitui subjetivamente o sujeito em seu estado dissociado, submetido ao domínio das tecnologias do poder disciplinar, mas também resiste a qualquer tentativa de submissão.

A produção do sujeito por meio da submissão não é capaz de abarcar, para Foucault, a sua totalidade, pois há uma repetição que permite que o sujeito seja produzido mais de uma vez, conforme Butler existe, através desta repetição, a impossibilidade de consolidar a unidade dissociada do sujeito, multiplicando os efeitos que enfraqueçam a força da normalização. Por exemplo, a homossexualidade, segundo Butler pode ser trazida para demonstrar como a ambiguidade da normalização opera na produção subjetiva do sujeito, pois da mesma forma em que estava a serviço da heterossexualidade normalizadora estava, a serviço da despatologização, ou seja, a homossexualidade gera um contradiscurso em que emprega estratégias de resistência contra o regime normalizador que a produz, assim a resistência é o efeito do mesmo poder que se opõe.

A questão fundamental é como, na *História da Sexualidade I*, Foucault pode vislumbrar formas de resistência ao poder disciplinar acerca da sexualidade, enquanto em *Vigiar e Punir* o poder disciplinar iria incidir no sentido de apenas produzir corpos dóceis incapazes de resistir? A possibilidade de responder à questão pode ser vislumbrada na maneira como a norma é excitada, erotizada, sendo assim, para Butler, a função repressiva da lei que Foucault observa é diminuída pelo fato dela mesma se converter em excitação erótica, portanto

O aparato disciplinar fracassa na hora de reprimir a sexualidade precisamente porque o aparato mesmo é erotizado, convertendo-se na ocasião de uma incitação à sexualidade e, portanto, da anulação dos fins repressivos (BUTLER, 2016, p. 115).

Para Foucault, o sujeito é formado a partir do momento em que é investido pela sexualidade por um regime de poder, na *História da Sexualidade I* (2012) busca criticar a hipótese repressiva que apontaria para o entendimento da sexualidade reprimida pela lei exterior, Foucault questiona esta suposição ao dizer que a sexualidade é alvo dos dispositivos de poder, a sexualidade é incitada a falar, é trazida ao discurso, pois a sexualidade é investida pelo corpo, é inscrita na própria história, nesse sentido a incorporação da lei não permite que a sexualidade se torne alvo de repressão generalizada. Por mais que o processo de constituição do sujeito exige a proibição, o desejo que é prevenido converte-se no objeto de desejo do próprio sujeito, assim, o

sujeito é formado por meio da proibição da sexualidade que assume. Pierre Macherey (1989) chama este aspecto de imanência da norma (*l'immanence de la norme*), ou seja, renunciar a compreender o exercício da norma como apenas restritivo, repressivo, nos termos de um interdito, mas como a possibilidade do sujeito de se liberar da norma, de se desvencilhar do exercício do controle, no entanto sem afastar a força das normas, fazendo com que se entenda que as normas estejam enfraquecidas, como aponta os discursos antirrepressivos.

Como lembra Dreyfus e Rabinow (2013), as normas sempre buscam abarcar a totalidade de nossas práticas em um todo coerente, para este fim as experiências são identificadas e inseridas em domínios apropriados pelo saber para uma intervenção. No entanto, as normas não são estáticas, com o intuito de colonizar os mínimos detalhes, todas as micropráticas que são consideradas importantes que não possam escapar do controle da normalidade. Entretanto, é no limite desse movimento contínuo do exercício das normas que nos permite apreender seu movimento de normalização e resistência em que as práticas são concebidas como alvo de controle do mesmo modo em que são capazes de escapar deste domínio.

Nesse sentido, como podemos pensar a erotização na norma no interior da narrativa de Trevisan? Parte-se da perspectiva da maneira como Trevisan aborda a simbologia de Jesus carnalizado acessado pelo personagem Tiquinho por meio da experiência mística, como a influência dos padres no seminário, dos Cânticos dos Cânticos de Sta. Tereza D'Ávila e São João da Cruz expressão a pujança do amor-paixão entre os personagens Tiquinho e Abel e como este amor é inteligível pela imagem de Jesus, da conciliação espiritual entre carne e espírito na doutrina cristã. Esta profunda ambiguidade expressa na narrativa de Trevisan concebe um complexo e intrincado tensionamento entre erotização da norma regida pelo seminário, ou seja, do conjunto de regras de internamento que os seminaristas se submetem e o desejo homoerótico impulsionado pela experiência mística da carne, como será abordado na segunda parte deste artigo.

Assim queremos dizer que a tecnologia de poder que opera no seminário vai além de um estrito processo de disciplinamento dos corpos, onde o modo de acesso ao sacerdócio se dá pelo seguimento vigiado de todo o regulamento estabelecido, onde os meninos são submetidos ao crivo do exame de modo a estarem subsumidos os mecanismos de correção. cremos que há, e este é o aspecto central da reflexão

que estamos propondo onde a norma se exerce cotidianamente sobre os corpos dos meninos sofre uma excitação erótica que escapa dos seus limites. Desta forma, intentamos apresentar que a relação dos meninos, no âmbito da conjugação da vida comunitária não está dissociada das técnicas de individuação, porém a radicalidade do amor-paixão impulsionada pela alegria espiritual é o modo de agitar, de erotizar a norma

## A EXPERIÊNCIA MÍSTICA DA CARNE E O AMOR RADICAL

A dinâmica da narrativa apresenta como os meninos se relacionam com as normas do seminário, com o cumprimento do regulamento, as punições para os desvios. Apresenta todo um rígido controle sobre a conduta dos seminaristas e o personagem Tiquinho se caracteriza pelo cumprimento estrito das normas, se notabilizando como um bom aluno, mas não atentamente envolvido com todas as atividades do seminário. No entanto, uma nova orientação pedagógica é apresentada aos seminaristas e acrescida ao interior da narrativa. Despida dos aspectos tradicionais, valorizou as dimensões mais subjetivas de cada seminarista. Mas o elemento que será mais sentido é a transformação no que diz respeito ao mergulho da comunidade em um emaranhado de revelações e “em poucos meses, o seminário evolui para o campo de paixões concentradas” (TREVISAN, 2001, p. 83). Novas paixões cristãs afloram, onde aquele Deus impetuoso que castigava e punia foi, paulatinamente, substituído por um Deus que podia amar, “escandalosamente” e “misticamente”.

O Deus, que aparentemente parecia ser apaixonante, ou “deuses”, pois eram dois que representavam para Tiquinho essa nova mudança que, poderíamos dizer, profundamente passional, eram duas novas divindades que expressavam esse momento, isto é, pelos dois novos superiores, os novos Reitor e Diretor Espiritual. Um deles usava batina preta, enquanto o outro usava batinas brancas. Tratava-se de “dois seres belíssimos não apenas de espírito; que reinavam com ar de eternidade; e que criavam todo amor ao redor de si” (TREVISAN, 2001, p. 84). Este amor incondicional que exala dos superiores pode ser chamado de “*Mistério da Apaixonante Autoridade*” (TREVISAN, 2001, p. 86), pois os dois eram amados por expressarem a representação de Deus. Diante dos eleitos, a presença de Deus se dava na forma de



corpos humanos, pois Deus não estava expresso apenas nas palavras ditas pelos padres, mas no corpo, em corpos das quais os seminaristas passaram a desejar, enquanto “adoradores do amor absoluto” (TREVISAN, 2001, p. 86). A representação morena de Deus se chamava Padre Augusto, enquanto o senhor loiro, a representação mais delicada de Deus e era o Diretor espiritual e se chamava Mário, mas atendia por Padre Marinho.

O amor que jorrava dos padres atingia todos os eleitos e de várias maneiras, sob inúmeras formas e alcançava todas as mais variadas direções, porém apesar de ainda constar no regulamento do seminário a proibição das “amizades particulares” e extremo cuidado com os “problemas afetivos” dos seminaristas. O ambiente era permeado pela paixão, que se iniciam, certamente, em Deus, por conta disso, sagrado, e entre os meninos e os superiores. Padre Augusto gostava de eleger os seus “peixinhos” ou “*durex*”, gíria local, como forma de reconhecer os seus prediletos. O contato com o santíssimo mistério da autoridade era profundo, quase como estacas que penetravam de maneira visceral nos corações dos eleitos. O sentimento era tão pujante que o pânico tomava conta de alguns adolescentes, antes mesmo de realizarem a vistoria de rotina. Uma paixão avassaladora poderia considerar como uma paixão de Deus. O sentimento pode ser expresso nesta passagem:

Havia calafrios e ondas de calor não só da carne nem tão do espírito: não se sabia mais quais territórios o amor invadira. Tudo o que os meninos sentiam era a presença de um Senhor tátil, forte e protetor, tão incomensurável que não caberia nem em suas mãos juntas nem em todos os seus beijos ansiosos. Ficavam envoltos nessa onda de vibrações intercambiadas, perdidos num espaço onde anjos vojavam fora das fronteiras. Era então que, num movimento incontável, seus pintos deixavam o aconchego dos recém-nascidos frescos pentelhos e levitavam de puro êxtase, já no início do exame. (TREVISAN, 2001, p. 99).

Desta forma, poderia se considerar como uma forma diferente de amar, Padre Marinho gostaria que fosse de forma ilimitada, tanto, que propunha as crianças que se comunicassem com Jesus através de seus diários, incentivando a escreverem todos os dias. Como representante de Jesus, acessava naturalmente os diários, que o auxilia inclusive “a conhecer melhor as pequenas almas para melhor dirigi-las nos caminhos do amor” (TREVISAN, 2001, p. 102). Apesar de alguns seminaristas se rebelarem, como Tiquinho, no entanto é notável a presença de Padre Marinho na vida dos garotos. A nível intelectual procurava introduzi-los no mundo da música e da literatura, organizando sessões de audições musicais no seu quarto, onde era

frequentado também pelos Maiores, onde se ouvia Bach, Beethoven e Brahms.

Tiquinho frequentou durante um longo tempo as meditações com Padre Marinho, neste período Tiquinho avistou a possibilidade de penetrar em um mundo espiritual ainda não habitado. Certo dia saiu do quarto de Padre Marinho quase levitando após ouvir algumas de suas palavras, o padre lhe contava sobre um conflito que há entre a moralidade do cristianismo e a sua dimensão mais mística, pois justamente a mística extrapola as regras morais que se constituem na vida cotidiana, como o caso de Santa Tereza, que será importante mais à frente – “morro porque não morro” – (TREVISAN, 2001, p. 109). Santa Tereza e São João da Cruz admitiam a possibilidade da ressurreição eterna da carne, pois “queriam morrer na finitude para ressuscitar na eternidade e unir-se corporalmente ao espírito de Deus” (TREVISAN, 2001, p. 109).

Tiquinho compreendeu de maneira profunda esta dimensão, não apenas a lição de Padre Marinho, mas quando ele lhe diz que é preciso seguir o caminho dos místicos, de poder amar a Deus que está presente no outro, amar Deus como amando a carne e o espírito que estão presentes no semelhante, cujo amor radical, pujante e místico poderia ser capaz de salvá-lo da loucura. Os místicos acreditavam nisso, o amor a Deus acarretaria formas de expressar a loucura, pois em momentos de êxtase amavam com violência. Tiquinho tomava para si esta ação, pois passaria a se compreender e não sofreria. Mas, fundamentalmente, Tiquinho amaria como um místico e se elevaria ao status de loucura, redimensionando-o a um nível incontrolável, levando a sucumbir à carne.

O universo místico atraía Tiquinho, não apenas por pertencer ao grupo dos mariquinhas, mas em virtude de suas lições provocarem uma intensidade que o conduziria ao acesso do mundo da paixão, como nesta passagem

*– Falou-se na mística como terreno exclusivo do Diretor Espiritual. Que tem a ver a mística como todo esse amor que, por alucinado, não conseguia se conter nos limites do espírito?*

- Talvez porque as delícias da carne não se oponham necessariamente à salvação das almas. E essa parece ser uma conclusão possível a partir do universo místico do Padre Marinho. No seu entender, os místicos teriam uma sensibilidade excepcional que os levava a percorrer o território da carne e superá-lo – não no sentido de repúdio mas de redimensionamento. Por sua grande capacidade para o amor e a paixão, eles violentariam a carne, visando menos destruí-la do que destruir suas barreiras e recolocá-la na órbita do espírito. Seria o universo da carne puríssimo como antes do pecado de Adão e Eva: uma tentativa de romper a história, ao mergulhar o corpo na eternidade. Essas imagens, ainda que apreendidas de forma nebulosa,

encantavam Tiquinho, porque lhes dimensionavam o amor enquanto território absoluto, ilimitado. E acabaram influenciando em sua vida [...] (TREVISAN, 2001, p. 113).

Mas antes de retomarmos os aspectos da narrativa, cabe apreender o que significa este discurso místico. O concílio de Trento, ocorrido após a Reforma Protestante, no século XVI, obrigou a Igreja Católica a reformar-se, a reformar sua própria perspectiva acerca dos seus próprios procedimentos. Dentre eles, o que significativamente alterou foi à maneira como se percebia a relação da vida espiritual com o mundo terreno, isto é, passa-se a compreender como era possível superar os conflitos espirituais atentando para o fato de que, neste momento, o paraíso, a vida contemplativa está intimamente ligada à experiência humana, ou seja, “tudo o que a Idade Média havia reprimido, a Renascença acentuou, exaltou, como, por exemplo, a exuberância do corpo humano” (BOFF Apud MARQUES JÚNIOR, 2007, p. 64).

A experiência de Tiquinho estava intimamente ligada a um tipo de experiência que os místicos ofereciam, haja vista que as reflexões ascéticas permitiam acessar Deus através do outro e, nesse sentido, amá-lo de modo a ingressar no universo retumbante da paixão. Santa Teresa D’Ávila e São João da Cruz<sup>4</sup> poderiam ser considerados como representantes desta vertente mística da Igreja Católica, cuja doutrina estabelecia a possibilidade vislumbrar o acesso do divino por meio do corpo humano. De acordo com Marques Júnior (2007), os dois místicos acreditavam que esta experiência poderia ser contemplada através do corpo, este que se tornara o meio a incorporar, carnalmente, o divino, onde é possível ser observada na seguinte passagem,

Ai! Como a existência é amarga  
Sem o gozo do Senhor!  
Se é doce o divino amor,  
Não o é a espera tão larga:  
Tire-me Deus esta carga  
Tão pesada de sofrer,  
Que morro de não morrer.  
(Glosa de Santa Teresa)

Minha alma se há voltado,  
Com meu cabedal todo, a seu serviço;  
Já não guardo mais gado,  
Nem mais tenho outro ofício,  
Que só amor já é o meu exercício.  
(Cântico Espiritual – 1:28 São João da Cruz)  
(PEREIRA JÚNIOR, 2007, p. 65).

---

<sup>4</sup> Ambos místicos que viveram na Espanha durante o século XVI.

Estas passagens causaram muito desconforto no ambiente da Igreja Católica, levando, por exemplo, São João da Cruz a viver durante muito tempo preso, enquanto Santa Teresa D'Ávila foi acusada de praticar bruxaria. No seio do próprio cristianismo, a atitude dos místicos foi vista como um ato transgressor, pelo fato de possibilitar compreender que a vida espiritual não estaria afastada da vida corpórea, no sentido de fornecer a possibilidade de promover a conciliação espiritual. Tiquinho passa a experimentar estes momentos de carnalização do espírito quando é acometido por um acontecimento marcante, isto é, quando quase morre afogado e acaba sendo salvo por um de seus colegas maiores, que o carregou para fora da água. Naquele instante, Tiquinho sentiu que seu espírito estava salvaguardado diante do peito aconchegante de seu salvador, pois toda a robustez daqueles braços conduziu Tiquinho a sua primeira inquietação, como nesta passagem

A pele dos braços que o envolviam provocava delícias cujos sinais Tiquinho captava perfeitamente, há muito tempo. Mas aquela foi a primeira vez que sentiu sua carne inquietar-se, de modo inequívoco, por amor aos homens (TREVISAN, 2001, p. 117).

E o que Tiquinho sentia, diante a pujança da carne uma sensação de profundo espanto, em virtude de sua ingenuidade diante das primeiras e espontâneas lambuzadas de seu pênis, cuja aflição fazia com que recorresse a todo o momento aos conselhos do Diretor Espiritual, onde era aconselhado a se tocar menos, mas o irrefreável prazer, a potência do incontido gozo impedia Tiquinho de não sentir as delícias proporcionadas pelo prazer da carne. Tiquinho, no entanto, “passava, com a mesma euforia, do pecado para o arrependimento e deste para satisfação compulsória” (TREVISAN, 2001, p. 119). O amor dele por Jesus era intenso, o tomava a cada segundo, porém, a natureza deste amor o inquietava, pois o lema “deveis amai-vos aos outros como eu vos amei” o conduzia a um paradoxo. Diante dos Evangelhos Tiquinho, especialmente o do Apóstolo São João, Tiquinho descobre um caminho possível para poder compreender a capacidade de amar os homens, bem como após a Ressurreição Jesus indaga três vezes a Pedro: “Tu me amas?” e Pedro responde: “Senhor, sabes que eu te amo”.

Os respectivos lemas oferecem a Tiquinho a condição de vislumbrar o amor por outro homem, conferindo-lhe o acesso ao universo da paixão, no entanto o fato

revelador para Tiquinho no sentido de apreender a imagem de Jesus e, consequentemente, a possibilidade de carnalizá-lo se deu através do filme que assistiu, e o impressionou muito, chamado *O jardineiro espanhol*, 1956 e dirigido por Philip Leacock. O filme narra a história de amizade entre os personagens Nicholas, filho de um cônsul inglês que vivia na Espanha, e um rapaz que cuidava do jardim da mansão onde o menino habitava. O filho do cônsul é levado para a casa do jardineiro e começa a conviver e comer juntos aos pobres. No entanto, o cônsul, com ciúmes e medo de que acabasse ocorrendo algo ao seu filho, manda prender o jardineiro, ao final da narrativa, o jardineiro morre ao tentar escapar da polícia e o menino Nicholas acaba ficando muito doente e clamando pela presença do jardineiro.

Tiquinho acaba, após assistir ao filme, buscando “resolver” seus problemas sobre o seu amor por Jesus. Assim como o menino Nicholas, Tiquinho tinha a sua figura do jardineiro, pois este se apresenta como uma “revelação”, se caracterizando como “moreno, de olhos amendoados e doces, peito largo, pernas rijas, bom e capaz de amar Nicholas até a morte” (TREVISAN, 2001, p. 126), a construção da figura imagética do jardineiro que permitia que Tiquinho pudesse imaginar o seu amor por Jesus. Mas por qual motivo Tiquinho teve essa revelação? Na medida em que a imagem de Jesus se tornou corpórea, visível e bela, deixando-o estonteado, fazendo com que conversasse em diversos momentos, com seu Jesus moreno e lhe dizendo: “Jesus, meu jardineiro espanhol, como eu te amo” (TREVISAN, 2001, p. 126). E bastava olhar para ver aquele Jesus que ia ao seu dormitório, para conversar e lhe fazer carícia, que o ouvia e o consolava quando sentia problemas afetivos e emocionais por outros rapazes, e que será algo que se intensificará, e é desta forma que Tiquinho vêem a descobrir o amor que sentia por Jesus, se apaixonando por ele. Todos os dias, estando na capela, Tiquinho sentia, estando rodeado por inúmeros santos e anjos, uma mística de sacralidade e sensualidade, uma mistura de “veneração e entrega” (TREVISAN, 2001, p. 127).

O filósofo Georges Bataille (2013) consagra estudo acerca do erotismo, na obra *O Erotismo*, aborda a questão da sexualidade e da mística. Bataille refere-se ao estudo do Pr. Louis Beirnaert (1906-1985), onde considerando a maneira como os místicos introduzem na experiência entre o amor divino e a sexualidade identifica “a aptidão da união sexual para simbolizar uma união superior” (BATAILLE, 2013, p. 250).

O aspecto que nos aproxima da interpretação que pretendemos fazer da visão mística e carnalizada de Jesus vislumbrada por Tiquinho na narrativa é que a união sexual tem a virtude de exprimir a possibilidade de unir Deus e a humanidade, por que na experiência humana há a uma inclinação de se tornar um “acontecimento sagrado” (BATAILLE, 2013, p. 250). Bataille aponta assim o caráter eminentemente sagrado da sexualidade humana, pois, enquanto os cristãos viam a esfera do sagrado como especificamente pura e o impuro como algo profano, os pagãos consideravam que o impuro também pode ser considerado sagrado. Bataille afirma, no entanto, que na origem do cristianismo o pecado está atrelado à esfera do interdito, enquanto no paganismo o que é interdito é exatamente a esfera do sagrado.

Para Tiquinho, se seguirmos o argumento de Bataille, a experiência na qual o encontro com o amor se torna possível através do encontro com a imagem de um Jesus carnalizado capaz de amar é tornada possível a partir do momento em que o amor vem a ser algo místico, em que é retirada a carga do pecado como forma de inibir a expressão do amor, conciliando a experiência sacra e sensual, em que se concilia o corpo e o espírito. Não se trata de alçar a vida contemplativa por meio do estímulo contínuo da pureza na vida terrena, pois o próprio significado da pureza, considerando a experiência mística, é redimensionado para tornar a sexualidade em algo inteiramente sagrado, pois se vincula a imagem de Deus, no caso do romance, a imagem de Jesus, trazendo-o para o seio da humanidade, à superfície de corpo, onde se supera o horror do interdito, a repressão da norma, a exteriorização da lei, pelo contrário, observamos aqui, no amor radical de Tiquinho apresenta uma profunda tensão na norma, o desejo passa a ser inscrito na própria norma, cuja experiência do personagem torna complexa e intrincada a relação entre a sacralidade do desejo e a funcionamento da norma.

A experiência do jardineiro espanhol, em que a imagem de Jesus é o que permite Tiquinho acessar, por meio da inspiração mística o significado do amor divino que, onde é aberto o caminho para ingressar no universo da paixão, nesse sentido esta perspectiva pode ser apreendida na seguinte passagem de Bataille acerca do místico: “O simbolismo conjugal de nossos místicos não tem, portanto, uma significação sexual. E antes a união sexual que tem já um sentido que a ultrapassa” (BATAILLE, 2013, p. 251). Isto quer dizer que a mística não está associada ao sentido da atração física, muito menos pelas delícias propiciadas pelo gozo. Diferentemente

desta perspectiva, a sexualidade e a experiência mística não se associam, do ponto de vista da psicanálise, a uma conduta neurótica, pelo contrário, a experiência de Tiquinho só é admitida por ser contemplada por uma explosão de sentidos que se concatenam dentro de uma inebriante alegria espiritual. Tiquinho encontra nos Evangelhos, nos conselhos e carícias dos diretores espirituais, nas palavras dos místicos e no mesmo no pujante amor pelo personagem Abel, que não tratamos aqui, o significado místico do amor divino, acessando, assim, a dimensão do sagrado.

Assim como nesta passagem, é possível apreender o questionamento acerca da intensidade da paixão de Tiquinho:

Como explicar essas incógnitas senão pela permanente obsessão de romper os limites entre o eu e outro? O que nos movem direção à absoluta gratuidade de amar e ser amado? Seria a procura da outra parte que nos falta, metafisicamente, porque nascemos apenas pela metade, como diria a mitologia grega? Seria a busca da mãe perdida, como sugeririam os psicanalistas? Ou uma tentativa de romper a indiferença do mundo e reconciliar o que somos e o que não somos, conforme diriam certos filósofos? Seria o amor uma tentativa de nos compreendermos através do espelho do outro? [...] Se, nesse terreno, ninguém entende nada e só existem hipóteses, como acusar Tiquinho de obsessivo? (TREVISAN, 2001, p. 152).

Tiquinho torna o mundo permeado de significado através da experiência mística, esta, no entanto, oferece um profundo entendimento entre a sexualidade precedente que é oriunda dos homens e a mística que advém de Cristo. Estas múltiplas marcas que são inscritas em Tiquinho permitem compreender o sentido do amor que será absolutamente intenso e eclipsado em uma arrebatadora fúria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Em nome do desejo* compõe a trajetória literária de João Silvério Trevisan, a narrativa de fundo autobiográfico trata de vida de meninos no interior do seminário, por onde passa por toda a relação com a castidade, a vida ascética, o pecado, a carne, as identificações com os semelhantes, hierarquia e disciplina. Mas por que estudar *Em nome do desejo*? E por que estudar a experiência social, política, intelectual e literária de João Silvério Trevisan? Buscamos abordar o romance de modo a apresentar uma releitura e crítica radical do desejo como forma de subversão da doutrina católica, sob o signo da erotização das normas dentro do interior de um seminário religioso que remete, a partir da construção fictícia, à própria experiência escolar do autor. A vida dos seminaristas é permeada pela disciplina, pela relação

homoerótica entre meninos, cuja expressão se dá, no caso do protagonista do romance Tiquinho, através de uma profunda relação com a experiência mística, em especial pela proximidade com Santa Teresa D'Ávila e São João da Cruz.

A construção ficcional de Tiquinho e da relação entre meninos no seminário aponta para uma perspectiva em que sexualidade e religião não se esgotam na disciplina e a normatização, pois a vivência da carne se constitui por meio da ascese espiritual e pelo pecado, demarcando uma profunda ambiguidade. O desejo emerge da erotização da norma, onde é possível dar inteligibilidade para a relação entre meninos, além do controle da castidade, da penitência e da confissão. A imagem que os meninos e, especificamente Tiquinho, produzem da experiência religiosa permite acessar por meio da carnalização de Jesus. Um Jesus que vem a ser corporificado.

Nesse sentido, o desejo sendo agenciado pela norma, não haveria um deslocamento, mas um processo de normalização que permite com que o desejo seja possível, pois a impossibilidade da norma de encerrar o corpo erotizado oferece a inteligibilidade da paixão e do amor entre meninos. Nesse sentido, *Em nome do desejo* pode ser entendida como uma obra posicionada neste espaço temporal em que conflui a experiência social de Trevisan alinhada a uma crítica ao desejo, tensionada e imbricada com o discurso cristão.

## REFERÊNCIAS

- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. 1. Ed. Belo Horizonte. Editora Autêntica. 2014.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. 10. Ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2016.
- BUTLER, Judith. In: **Mecanismos psíquicos del poder**. 6. Ed. Madrid. Ediciones Cátedra. 2016.
- DREYFUS, Hubert, RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2. Ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2013.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 22. Ed. Rio de Janeiro. Graal. 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, a genealogia e a história**. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 25. Ed. São Paulo. Graal. 2012.



FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro. 40. Ed. Vozes Editora. 2012.

MACHEREY, Pierre. **Pour une histoire naturelle des normes**. In: Michel Foucault philosophe. 1. Ed. Paris. Éditions du Seuil. Collection des Travaux. 1989.

MARQUES JÚNIOR, José Nelson. **Encontrando o céu que um dia me prometeste**: Um estudo sobre a formação da identidade masculina no romance *Em Nome do Desejo*, de João Silvério Trevisan. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2007.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

TREVISAN, João Silvério. **Em nome do desejo**. 3. ed. Rio de Janeiro. Editora Record, 2001.

VENTURELLI, Paulo. **A CARNE EMBRIAGADA: Uma leitura em torno de João Silvério Trevisan**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná. 1993.

\* Artigo recebido em 01 de maio de 2021,  
aprovado em 02 de junho de 2021.